

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

O Avanço da Jângal
Rikki-Tikki-Tavi



Rudyard Kipling

6

Esta é mais uma publicação

TAFARA

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Volume 6

- Rikki-Tikki-Tavi

- O Avanço da Jângal

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Osvaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon



APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS



RIKKI-TIKKI-TAVI

De sua gruta abandonada,
O Olho-Rubro ao Pele-Pragueada
Chamou e gritou forte:
Vem para dançar com a Morte!

Olho a olho, cabeça a cabeça,
(Guarda a medida, Nag)
A dança finde quando um pereça;
(À tua vontade, Nag)
Rodopia, corrupia,
(corre e esconde-te, Nag)
Ai, a morte falharia!
(Maldito sejas, Nag!)

Vou contar a história da grande guerra que Rikki-tikki-tavi sustentou sozinha, na sala de banho dum grande bangalô do acantonamento de Segowlee. É verdade que Darzee, o passarinho-alfaiate, a ajudou, e Chuchundra, o rato mosqueado que nunca

ousa caminhar pelo meio da casa e sempre passa deslizando ao longo das paredes, lhe deu um aviso. Isso, porém, foi pouco diante do muito que Rikki-tikki fez.

Era uma jovem mangusta, que pela cauda e pelo peso se assemelhava a um gatinho, embora pela forma da cabeça e hábitos lembrasse a doninha. Tinha os olhos côr-de-rosa, e também a ponta do focinho; podia coçar-se com todas as patas, as de diante e as de trás, à vontade; podia também eriçar a cauda ao jeito dos chumaços de lavar garrafa, e seu grito de guerra, quando estava em casa nos campos, era Riké-tikk-tikki-tikki-tchek!

Certo dia as águas dum temporal de verão a arrastaram da toca, onde vivia com os pais, e a levaram, a debater-se aflitíssima, para dentro dum valo que havia perto. Rikki agarrou-se a um tufo de ervas flutuantes e perdeu os sentidos. Quando voltou a si, estava numa rua de jardim iluminada pelo sol, com um menino na frente, que dizia:

- É uma mangusta morta. Vamos enterrá-la.
- Não, disse a mamãe. Vamos pô-la a secar, porque pode não estar bem, bem, bem morta. E recolheu-a dentro de casa, onde um homem a examinou e declarou que realmente não estava morta, mas apenas asfiziada; envolveram-na então em flanelas e a puseram perto do fogo... e Rikki-tikki logo abriu os olhos e espirrou.
- Bravos! exclamou o homem (era um inglês que havia alugado o bangalô muito recentemente). Agora é não a assustarem e veremos o que a pobrezinha faz.

A coisa mais difícil do mundo consiste justamente em assustar a mangusta, porque é um animalzinho da cabeça aos pés feito de curiosidade. Parece que a divisa da raça é: «Procura e descobre», e Rikki-tikki não desmentia as qualidades do seu povo. Provou logo a flanela que a envolvia e verificou não servir para comer; correu depois em redor da mesa, sentou-se, foi empoleirar-se sobre o ombro do menino.

- Não tenha medo, Teddy, disse-lhe o pai. Esse é o modo de as mangustas mostrarem amizade.
- Ui! Ela está-me fazendo cócegas no pescoço...

Rikki-tikki enfiou os olhos por entre a gola e o pescoço do menino, farejou-lhe as orelhas e depois veio dum salto ao chão, onde se sentou, esfregando o focinho.

- Meu Deus! exclamou a mãe de Teddy. Então é a isto que chamam animal selvagem? Será que compreende que somos bons para ela e mostra-se grata?
- Todas as mangustas são assim, disse o marido. Se Teddy não lhe puxar a cauda, nem procurar metê-la em gaiola, viverá em paz aqui dentro, correndo por toda a casa o dia inteiro. Vamos dar-lhe alguma coisa de comer.

Veio um pedaço de carne crua, que Rikki-tikki achou excelente. Depois que a comeu, foi para a varanda e sentou-se ao sol, eriçando a cauda para fazê-la secar completamente. Estava já quase sarada.

- Há mais coisas a descobrir nesta casa do que a minha gente lá no mato verá em toda a sua vida, pensou consigo a mangustinha. Vou ficar por aqui.

E começou a correr o bangalô, peça por peça. No banheiro por um tico não morreu afogada. No escritório sujou a ponta do nariz no tinteiro e a queimou na brasa do charuto, ao saltar para o colo do pai de Teddy a fim de vê-lo manejar a pena. Ao cair da noite correu ao quarto do menino para ver a criada acender o lampião, e quando Teddy foi para a cama Rikki-tikki fez o mesmo. Mas era má companheira, visto como se levantava cem vezes durante a noite para descobrir a causa de todos os barulhinhos. Os pais de Teddy tinham vindo dar no filho a última vista d'olhos e lá encontraram a mangusta, muito esperta, deitada no travesseiro.

- Não gosto disto, declarou a mamãe. Ela é capaz de mordê-lo.
- Não morde, não, disse o pai. Teddy está mais seguro na companhia deste animalzinho do que se estivesse uma ama a guardá-lo. Se uma cobra entrasse no quarto agora...

No dia seguinte, muito cedo, Rikki-tikki veio à varanda, para a refeição, repimpada no ombro de Teddy; recebeu uma banana e um pouco de ovo cozido, deixando-se tomar ao colo por todos os presentes. A mangusta bem educada procura tornar-se logo doméstica, e a mãe de Rikki, que já morara na casa do general comandante da região, lhe havia ensinado o que fazer, caso caísse nas mãos dos homens brancos.

Depois do almoço Rikki foi passear e observar o que havia pelo jardim. Era um grande jardim, mas um tanto largado, com tufos de roseiras Marechal Niel espessos qual moitas, e limoeiros e laranjeiras e touceiras de bambu enormes. Rikki-tikki lambeu os beiços de gosto.

- Que esplêndido campo de caça! disse, e a esse pensamento sua cauda se eriçou. Imediatamente se pôs a correr dum lado e doutro, farejando tudo. Súbito, ouviu lamentações doloridas que vinham de dentro duma moita de espinheiros.

Era Darzee, o passarinho-alfaiate e sua companheira. Moravam ali, tendo construído um belo ninho por meio da junção de duas folhas largas que coseram com fibras nos bordos; a concavidade assim formada fora enchida de paina. O ninho balouçava-se no ar, enquanto os donos, com os olhos no chão, piavam um choro triste.

- Que é que têm vocês? perguntou Rikki-tikki.
- Somos muito infelizes, respondeu Darzee. Um dos nossos filhotes caiu do ninho, e Nag o devorou.
- Hum! exclamou Rikki-tikki. O caso é realmente triste. Mas sou nova por aqui e não sei quem é Nag.

Darzee e a companheira, em vez de responderem, recolheram-se precipadamente para dentro do ninho. É que do espesso do ervaçal viera um silvo surdo, um horrível som arrepiante... que fez Rikki-tikki dar um pulo para trás. E então, polegada e polegada, ergueu-se da erva a cabeça com o capelo ereto de Nag, a grande cobra negra de mais de dois metros de comprimento. Depois que se levantou de um terço acima do solo, ficou a bambolear-se da esquerda para a direita, exatamente como se balança um pé de taraxaco - e a cobra olhava para Rikki-tikki com esses olhos duros das serpentes, os quais nunca mudam de expressão, seja o que fôr que elas pensem.



- Quer saber quem é Nag? Sou eu, disse a cobra. O grande deus Brama pôs sua marca sobre todo o nosso povo, quando a primeira cobra estirou o seu capelo para o preservar do sol enquanto dormia... Olha para mim e treme, mangusta!

A cobra retesou o mais que pôde o seu capelo, e Rikki-tikki pôde ver sobre seu corpo as marcas em forma de argolas.

Por um minuto a mangusta sentiu medo; mas é impossível a tal animalzinho sentir medo por muito tempo e, embora Rikki-tikki jamais houvesse encontrado uma cobra, sua mãe a nutria de carne de cobras e lhe ensinara que o destino das mangustas é fazer guerra às cobras e devorá-las. Nag também sabia disso e lá no fundo do coração estava receosa.

- Muito bem, disse Rikki-tikki - e sua cauda eriçou-se de novo. Com marcas de Brama ou não, acha que tem o direito de comer os filhotes de passarinho que caem do poleiro?

Nag vigiava os menores movimentos do ervaçal que se estendia por trás da mangusta. Sabia muito bem o significado de mangusta no jardim - simplesmente morte para si e sua família, mais cedo ou mais tarde. Era preciso, pois, apanhá-la de surpresa. Pensando assim, Nag moleou o corpo e disse:

- Conversemos... Você come ovos. Por que não havemos nós de comer o que sai dos ovos? Responda.

- Olhe para trás, olhe para trás! cantou disfarçadamente Darzee.

Rikki-tikki compreendeu instantaneamente o aviso, sem necessidade de voltar a cabeça para ver do que se tratava. E saltou para o ar, o mais alto que pôde, ouvindo o ruído dum bote que falha. Era Nagaína, a companheira de Nag. Tinha vindo por detrás, sorratamente, enquanto Nag distraía a mangusta, a fim de dar cabo do inimigo por surpresa. Rikki-tikki, ainda no ar, ouviu o silvo de raiva da cobra lograda; depois veio ao chão e quase que caiu de costas. Se fosse mangusta de mais idade saberia que era aquele o momento de quebrar a espinha do inimigo com uma boa mordedura, mas apavorou-se com a terrível chicotada que recebeu e limitou-se a uma mordidela única, pulando de lado. Nagaína ficou a rabear, furiosa e malferida.

- Malvado! Malvado Darzee! exclamou Nag.

E deu o salto mais impetuoso que pôde na direção do ninho; Darzee, porém, o construíra de modo a pô-lo fora do alcance de qualquer serpente - e o ninho continuou lá em cima, a balouçar-se, inatingido.

Rikki-tikki sentiu os olhos rubros e ardentes (quando os olhos duma mangusta ficam assim é que ela está em cólera), e sentou-se sobre a cauda e as pernas traseiras, qual pequenino canguru; olhou depois em torno e ringiu os dentes de raiva. Nag e Nagaína, porém, já haviam desaparecido dentro do ervaçal. Quando uma serpente erra o bote, nada diz nem denuncia o que pretende fazer em seguida. Rikki desistiu de persegui-la, porque não tinha a certeza de poder agüentar a luta com as duas. Em vista disso correu para o limpo e sentou-se, a refletir. Estava metida numa complicação muito séria.



Quem lê os velhos livros de história natural aprende que quando uma mangusta combate contra uma cobra e é mordida, foge dali para o mato a fim de mascar certas ervas curativas. Não é verdade. A vitória depende só de olho vivo e músculos prontos - arremesso de cobra contra salto de mangusta. E como olho nenhum pode seguir o movimento duma cabeça de cobra que dá bote, a agilidade defensiva da mangusta constitui maior prodígio que o efeito mágico de misteriosas ervas.

Rikki-tikki, verdadeira mangusta que era, não deixou de sentir-se satisfeita de ter tão habilmente evitado aquele golpe à traição. Veio-lhe disso mais confiança em si e quando Teddy desceu correndo para o jardim, mostrou-se com direito de ser admirada. No momento, porém, em que o menino se inclinava para ela, qualquer coisa mexeu-se na areia e uma vozinha disse:

- Cuidado! Eu sou a Morte!

Era Karait, a pequenina cobra côr de areia, que costuma dissimular-se na poeira. Tem a mordedura venenosíssima, mas é tão minúscula que ninguém lhe presta atenção - o que a faz ainda mais perigosa.

Os olhos de Rikki-tikki tornaram-se novamente rubros e, erguendo-se, ela dirigiu-se para Karait, com o bamboleio de corpo herdado de sua raça. Parecia cômico aquele andar, mas era sábio, porque lhe punha o corpo num tal equilíbrio que num dado momento podia, veloz como o relâmpago, mudar de direção para onde conviesse, o que constitui grande vantagem para quem vive em luta com as serpentes. Rikki-tikki, ignorando isso, estava a fazer coisa muito mais perigosa do que combater Nag; Karait era tão pequenina e movia-se com tanta agilidade que, a não ser que fosse agarrada rente à cabeça, poderia, num contragolpe, atingir a mangusta no olho ou no focinho. Rikki não sabia disso e, com os olhos em fogo, bamboleava-se naquele balanço de equilíbrio, procurando o momento de dar o golpe, Karait avançou. Rikki saltou de lado e fugiu com o corpo, a tempo de livrar-se, por um fio de cabelo do pequenino bote da cabecinha empoeirada.

Teddy gritou para dentro:

- Venham ver uma coisa! A mangustinha está caçando uma cobra.

Rikki ouviu a mãe do menino dar um grito, enquanto o pai se precipitava para o jardim, de bengala na mão. Nesse entremeio Karait desferiu novo bote, que também falhou e Rikki-tikki caiu sobre ela, ferrando-a no ponto próprio, bem junto à cabeça. A mordedura paralisou-a, e Rikki ia devorá-la, a começar pela cauda, quando se lembrou que tais refeições deixam o corpo pesado. Ora, ela tinha necessidade de dispor, dum momento para outro, de toda a sua força e ligeireza para o recontro com as cobras grandes. Ficou, pois, em jejum e foi espojar-se no pó, sob uma touça de mamoeiros, enquanto o pai de Teddy dava umas últimas bengaladas no cadáver de Karait.

- Para que isso? pensou Rikki-tikki - Eu já a matei.

A mãe de Teddy desceu ao jardim ainda aflita e tomando nos braços a mangusta apertou-a ao peito, dizendo entre lágrimas que ela havia salvo seu filho da morte; o pai do menino concordou que aquela mangustinha era providencial. Teddy olhava para os dois com os olhos muito arregalados.

E no íntimo Rikki-tikki divertiu-se com a cena, embora a não compreendesse. Ao jantar, passeando dum extremo a outro sobre a mesa, por entre pratos e copos, poderia ter-se regalado de tudo quanto quisesse; mas a lembrança de Nag e Nagaína a fazia manter-se em jejum. E conquanto lhe fosse agradável ser amimada pela mãe de Teddy, para cujo ombro saltou, seus olhos de quando em vez tornavam-se rubros e de sua garganta saía o grito de guerra: Rikk-tikk-tikki-tikki-tchek!

Teddy levou-a para o quarto, à hora de dormir, e teimou em fazê-la deitar-se junto ao seu peito. Rikki-tikki resignou-se mas logo que o menino caiu no sono saltou dali para rondar a casa. No escuro que fazia deu de encontro com Chuchundra, o rato mosqueado, que, como sempre, se ia esgueirando rente à parede.

Chuchundra é um animalzinho triste, que choraminga toda noite, experimentando ganhar coragem para correr pelo meio dos quartos sem jamais o conseguir.

- Não me mate! exclamou Chuchundra quase em lágrimas.

- Julgas por acaso que um matador de serpentes persiga ratos mosqueados? respondeu Rikki com desprezo.

- Os que matam serpentes serão por elas morto, disse Chuchundra sempre choroso. E como estarei seguro de que Nag não me tome por você, durante alguma noite escura?

- Não há o menor perigo, respondeu Rikki-tikki, porque Nag mora no jardim e você não anda por lá.

- Meu primo Chua, o rato, contou-me que... ia dizendo Chuchundra, mas interrompeu-se.

- Que contou ele?

- Caluda! Nag anda por toda parte, Rikki. Você devia conversar com Chua, no jardim.

- Não o conheço. Conte logo o que ele disse. E depressa, Chuchundra, que se não...

Chuchundra sentou-se e duas lágrimas lhe rolaram pelos bigodes.

- Sou um coitadinho, soluçou ele, que nunca teve coragem de correr pelo meio dos quartos...

Caluda! Não é preciso que eu fale. Não está ouvindo nada, Rikki?

Rikki-tikki pôs-se à escuta. A casa estava imersa no maior silêncio, mas mesmo assim pareceu-lhe ouvir um imperceptível «crá-crá...» um leve rumor como de abelha caminhando sobre vidro de vidraça... um esfregar seco de escamas sobre o tijolo.

- É Nag, ou a esposa de Nag, que para cá vem vindo pelo cano d'água do banheiro, murmurou a mangusta. Você tem razão, Chuchundra. Eu devia ter conversado com Chua.

Disse e dirigiu-se, cautelosa, para a sala de banho de Teddy, onde nada encontrou; de lá encaminhou-se para a sala de banho da mãe de Teddy. Viu logo no rodapé da parede uma abertura para o escoamento da água, através da qual pôde ouvir a conversa de Nag e Nagaína lá fora, no jardim. Dizia Nagaína:

- Quando a casa ficar vazia ela terá de mudar-se daqui - e nós então ficaremos de posse do jardim. Entre devagar e não se esqueça de que o homem que matou Karait é a pessoa que deve ser mordida em primeiro lugar. Depois venha contar-me como a coisa foi e combinaremos o modo de atacar Rikki-tikki.

- Mas está você certa de que teremos alguma coisa a ganhar matando tanta gente? indagou Nag.

- Teremos tudo a ganhar. Havia mangusta no jardim quando a casa esteve desabitada? Se a casa ficar novamente vazia voltaremos a ser os donos do jardim - e não se esqueça de que logo que os nossos ovos, no canteiro dos melões, terminem o choco (será talvez amanhã), as cobrinhas vão ter necessidade de espaço e sossego.

- Não pensei nisso, observou Nag. Vou iniciar o ataque, mas acho inútil dar caça a Rikki-tikki logo em seguida. Matarei o homem, a mulher e, caso possa, também o menino; depois voltarei tranqüilamente. Vendo a casa vazia, Rikki-tikki muda-se logo.

Rikki-tikki estremeceu do focinho à cauda, de raiva, ao ouvir tal conversa. Logo em seguida a cabeça de Nag surgiu na abertura, seguida de metro e meio de corpo escamoso e frio. Apesar de furiosa, Rikki-tikki não deixou de amedrontar-se diante do tamanho da serpente. Nag ergueu a cabeça e olhou para dentro do banheiro, então no escuro. Rikki viu seus olhos brilharem.

- Se o mato aqui, refletiu a mangusta, Nagaína virá a saber; e se para atacá-lo eu espero que Nag saia do buraco, as vantagens ficam do lado dele. Que fazer?!

Nag saiu do buraco e coleou pelo assoalho; Rikki ouvia-o beber num jarro bojudo de encher a banheira.

- Está bem, disse a cobra. Quando Karait foi morta, o homem tinha na mão um pau. Ele pode ter ainda esse pau, mas se vier ao banho pela manhã certo que não o trará consigo. Esperarei por esse momento. Está-me ouvindo, Nagaína? Vou esperar aqui até pela manhã,

Não veio nenhuma resposta de fora, o que fez crer à mangusta que a outra cobra já se tinha ido, Nag enrodilhou-se no jarro e Rikki permaneceu imóvel, como morta.

Ao cabo de uma hora, porém, começou a mover-se lentamente na direção do jarro. Viu que Nag estava adormecida e pôde correr os olhos pelo seu longo dorso a fim de estudar em que ponto morder.

- Se não lhe quebro a espinha do primeiro bote, pensou ela, Nag poderá ainda lutar - e se Nag luta, ai de Rikki!...

Considerou depois a espessura do pescoço da cobra logo abaixo do capelo e achou muito para sua boca; mas uma mordida mais para perto da cauda só serviria para tornar a serpente ainda mais furiosa.

- É preciso ser na cabeça, resolveu-se por fim; na cabeça bem rente ao capelo; e, quando a agarrar, tenho de ficar agarrada, haja o que houver.

Deu o bote. A cabeça da cobra jazia um tanto afastada do jarro, bem sob a curva da asa; logo que seus dentes ferraram, Rikki encostou o congote de encontro ao rebôjo da vasilha, a fim de melhor manter a cabeça junto ao chão. Isso lhe deu melhor jeito. Mas foi sacudida da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, como rato seguro em boca de cão - e para diante e para trás, e para cima e para baixo, e em círculos largos e curtos. A mangusta, porém, que tinha os olhos bem rubros, manteve-se firme, enquanto a cauda da serpente chicoteava às tontas, derrubando saboneteiras e escovas, e ressoando surda de encontro ao metal da banheira. Sempre firme, a mangusta apertava os dentes cada vez mais, pois que, certa como estava de ser batida na luta, queria ao menos, para honra da raça, que a encontrassem de dentes cerrados. Sentia-se já completamente tonta, moída de golpes, como prestes a desfazer-se em pedaços, quando algo atrás dela estrondou horrível, e uma fulguração quente a pôs sem sentidos, com a pelagem tostada.

Desperto pelo barulho, o pai de Teddy havia pulado da cama e viera disparar a sua espingarda de dois canos bem sobre o capelo da cobra.

Rikki-tikki, de olhos fechados, continuava de dentes cerrados, convencida de que estava morta e bem morta; mesmo assim percebeu que a cabeça da cobra não mais se mexia e que o homem a levantava do chão, dizendo:

- A mangusta outra vez, Alice; acaba de salvar as nossas vidas, esta amiguinha. A mãe de Teddy acudiu, muito pálida, e contemplou os restos mortais de Nag, enquanto Rikki-tikki se arrastava para o quarto do menino, onde passou o resto da noite a estudar-se cuidadosamente, a ver se realmente estava partida em vinte pedaços, como supunha.

Ao romper da manhã mostrava-se muito satisfeita com a sua façanha.

- Tenho agora de justar contas com Nagáina, que é pior que cinco Nags; e há ainda os ovos que estão em fim de choco. Ai, ai, ai! Preciso ver Darzee...

Sem esperar pelo almoço, correu para o espinheiro, onde encontrou Darzee entoando um canto de triunfo no tom mais alto possível. A notícia da morte de Nag já havia

dado volta ao jardim, depois que um criado lançou o cadáver da cobra à estrumeira.

- Ó estúpido chumaço de penas! exclamou Rikki-tikki encolerizada. É então tempo de cantar?

- Nag morreu - morreu - morreu! cantava Darzee. A corajosa Rikki-tikki agarrou-a pela cabeça e não largou mais. O homem veio com o canudo comprido que faz *pum!* e Nag foi partida em dois pedaços! Nunca mais nos comerá os filhotes...

- Tudo isso é verdade, mas onde está Nagaína? Indagou Rikki-tikki, olhando cautelosa para os lados.

- Nagaína chegou até a boca do esgoto do banheiro para chamar Nag, disse Darzee, mas Nag saiu na ponta dum pau, pendurada, e foi dormir no monturo. Cantemos louvores à grande mangusta de olho vermelho!

E Darzee estufou o papo e cantou,

- Se eu pudesse alcançar esse ninho, dava com os filhotes no chão! gritou a mangusta. Vocês não sabem fazer nada a seu tempo. Aí no ninho estão os dois bem seguros, mas cá embaixo tudo me cheira a guerra e perigos. Pare um minuto com essa cantoria, Darzee!

- Pelo amor da grande, da bela, da heróica mangusta, vou calar-me, respondeu Darzee. Que é que teme a matadora da terrível Nag?

- Temos Nagaína. Onde anda ela?

- No monturo, perto da cocheira, chorando a morte do marido. Viva Rikki-tikki, a gloriosa heroína dos dentes brancos!

- Para o diabo meus dentes brancos! Não sabe você por acaso onde Nagaína guarda seus ovos?

- Sei, sim. Estão no canteiro dos melões, no lugar onde o sol bate o dia inteiro. Faz muito tempo que ela os escondeu lá.

- E só agora lembra-se você de contar-me isso? Perto do muro, não é?

- Será que Rikki-tikki quer comer os ovos da cobra?

- Comer, propriamente, não, Darzee. Venha cá. Se você tiver um grão de juízo na cabecinha, vai já à estrumeira, fingindo estar de asa quebrada, para que Nagaína o persiga até àquela moita. Tenho de ir ao canteiro dos melões, mas sem que Nagaína me veja.

Darzee era um bobinho, incapaz de conservar na cabeça mais de uma idéia ao mesmo tempo, e unicamente porque lhe disseram que os filhos de Nagaína vinham de ovos, como os seus, não lhe parecia justo que alguém os destruísse. Mas já a sua companheira tinha outro modo de pensar, e sabia que ovos de cobra querem dizer futuras cobras; por isso voou do ninho, deixando em seu lugar o marido a aquecer os filhotes e sempre cantando cantigas a respeito da morte de Nag. Darzee em muitos pontos se assemelhava bastante aos homens.

A companheira de Darzee pousou perto de Nagaína, na estrumeira, e gemeu:

- Oh, a minha pobre asa quebrada!... O menino da casa grande me jogou uma pedra...

Em seguida pôs-se a esvoaçar desesperadamente.

Nagaína ergueu a cabeça e silvou:

- Foi você quem advertiu Rikki-tikki quando eu ia apanhá-la pelas costas, não me esqueci disso - e, portanto, acho que escolheu um bem mau ponto para debater-se...

E, rápida, ergueu-se para o lado da avezinha.

- O menino me quebrou a asa com uma pedra! continuava a lamuriar-se, com pios de choro, a companheira de Darzee.

- Bom! Há de ser uma consolação para você, depois de morta, saber que breve justarei contas com esse menino. Meu pobre marido jaz na estrumeira, mas antes que a noite caia o menino também estará muito caladinho na casa grande. Para que correr? Não sabe que não me escapa dos dentes? Tolinha, olhe para mim!

A companheira de Darzee conhecia muito bem o perigo de fazer tal coisa. Quando os olhos do passarinho se encontram com os da serpente, o medo o tolhe de tal modo que ele não consegue fugir. Assim, a prudente avezinha continuou a esvoaçar, fingindo-se ferida, e a piar lamentosamente, mas sem volver os olhos para a cobra. E Nagaína continuou a persegui-la.

Rikki-tikki percebeu de longe aquele jogo, que ia afastando a cobra de perto do monturo, e tratou de correr para o canteiro dos melões. Lá encontrou, habilmente escondidos, vinte e cinco ovos do tamanho dos de garnizé, mas revestidos duma pele branquicenta em vez de casca.

- Cheguei a tempo, murmurou ela, vendo por transparência as cobrinhas enroladas no interior dos ovos. Rikki não ignorava que logo ao saírem dos ovos as cobrinhas já podem matar homem ou mangusta. Fez serviço rápido. Esmagou-os. Depois passou-os em revista para verificar se não havia escapado algum. Encontrou três ainda intatos. Nesse instante riu-se, ouvindo a companheira de Darzee piar de longe:

- Rikki-tikki, eu trouxe Nagaína para a casa! Está na varanda! Venha depressa! Nagaína quer matar o menino!

Rikki-tikki esmagou dois dos ovos restantes e com o terceiro na boca precipitou-se para a varanda o mais depressa que pôde.

Teddy e seus pais lá estavam, diante do lanche do costume. Mas não comiam. Muito pálidos, conservavam-se numa imobilidade de estátuas, como que fascinados pela serpente enrolada sobre a esteira, em ótima distância para um bote contra a perna nua do menino. Nagaína balançava a cabeça dum lado e doutro, cantando o seu próximo triunfo.

- Filho do homem que matou Nag, silvava ela, fica tranqüilo. . . Ainda não vou ferir. . . Espera um bocado. . . Imóveis, todos os três, hein?... Insensatos que me mataram o meu Nag!

Os olhos de Teddy estavam fixos em seu pai, e tudo quanto o homem podia murmurar era:

- Não se mova, Teddy! Não faça o menor movimento...

Foi quando Rikki-tikki entrou gritando:

- Eis-me aqui, Nagaína. Em guarda, que lá vai!



- Cada coisa a seu tempo, respondeu a cobra sem tirar os olhos da família apavorada. Depois justarei minhas contas com você. Olhe os seus amigos, Rikki-tikki. Estão imóveis e pálidos de morte... Estão aterrorizados e não ousam fugir... Se você se aproximar de mais um passo, dou o bote.

- Vá ver os seus ovos, respondeu Rikki-tikki. Vá ver os seus ovos lá no canteiro dos melões. Vá vê-los, Nagaína!

A serpente voltou-se então e viu rolar por terra o ovo trazido na boca pela mangusta.

- Ah! gemeu ela. Dê-mo!

Rikki-tikki pousou as patas de cada lado do ovo, enquanto seus olhos se tornavam rubros como o sangue.

- Qual o preço dum ovo de serpente? Qual o preço duma cobrinha? Qual o preço da última cobrinha? Da última da última ninhada? As formigas lá estão ocupadas em comer as outras no canteiro dos melões,

Ao ouvir aquilo, Nagaína deu volta sobre si, esquecida de tudo por amor ao seu derradeiro ovo. Nesse momento Rikki-tikki viu o pai de Teddy estender os braços para o menino e arrancá-lo donde estava, por cima da mesa.

- Lograda! Lograda! Lograda! *Rikki-tck-tck!* gargalhou a mangusta triunfante. O menino está salvo e fui eu... eu... eu quem agarrou Nag pelo capelo, esta noite, na sala de banho.

Em seguida pôs-se a saltar de todos os lados, numa alegria louca.

- Nag me sacudiu à grande, mas não consegui largar do seu pescoço - e já estava morto quando o homem lhe deu o tiro de misericórdia. Fui eu quem o matou! *Rikki-tikki-tck-tck!* Por aqui, Nagaína. Por aqui - e batamo-nos. Você não ficará viúva por muito tempo.

Nagaína viu que havia perdido toda a chance de matar o menino e que o ovo - seu último ovo - permanecia entre as patas da mangusta.

- Dê-me o ovo, Rikki-tikki! Dê-me o meu derradeiro ovo, que prometo ir-me para sempre, murmurou ela baixando o capelo.

- Sim, você vai daqui para sempre, porque vai para o monturo fazer companhia a Nag. Em guarda, senhora viúva! O homem já foi buscar o canudo que faz *pum!* Em guarda!

Rikki-tikki pôs-se a pular em torno da Nagaína, sempre fora do seu alcance, com os olhos vivos como brasas. A cobra armou o bote e arremessou-o, Rikki escapou dum salto e recuou. Outro e outro bote foram lançados, mas a cabeça da cobra batia sempre num choque surdo contra a esteira e seu corpo tinha de enrolar-se de novo, como espiral de relógio. Rikki-tikki dançava-lhe em redor para a pilhar de costas e a serpente girava sobre si para ter sempre a cabeça de frente ao inimigo. O ruído da sua cauda na esteira soava como folhas mortas que o vento agita.

Rikki-tikki havia esquecido o ovo em certo ponto da varanda. A cobra foi-se aproximando dele pouco a pouco, e, num momento em que Rikki tomava fôlego, segurou-o na boca e disparou de rumo ao jardim com a rapidez da flecha. Rikki a seguiu. Quando uma cobra foge para salvar a vida, toma o aspecto dum chicote ao acamar-se no pescoço do cavalo.

A mangusta sabia muito bem que, ou dava cabo da cobra, ou não haveria mais sossego na casa. Nagaína dirigia-se em linha reta para o ervaçal, perto do espinheiro, onde Darzee continuava piando o seu canto de triunfo, qual perfeito maluquinho. Já a companheira, muito mais avisada, voou do ninho e veio esvoaçar sobre a cabeça da cobra. Se Darzee fizesse o mesmo, teriam conseguido fazê-la deter-se; mas Nagaína limitou-se a achatar o capelo e prosseguiu na fuga veloz. Não obstante, a breve atrapalhão que o voejo da avezinha determinara na marcha da cobra permitiu que Rikki-tikki se aproximasse e lhe ferrasse o dente na cauda, no momento em que Nagaína se ia sumindo no buraco onde morava - e lá se foram por êle além, a cobra e a mangusta, embora nenhuma, por mais experiente que seja, tenha o costume de seguir as cobras nos buracos.

Fazia escuro lá dentro. Rikki não sabia se o buraco se alargava adiante, de modo a permitir que Nagaína pudesse voltar-se e desferir novo bote. Não se preocupou com isso. Manteve-se firme na mordida, com as pernas afastadas para melhor frear-se naquele declive escuro e úmido. Quando lá do seu galho Darzee viu que os capins à boca da toca haviam cessado de agitar-se, murmurou:

- Foi-se Rikki-tikki! Temos que lhe cantar um canto fúnebre. . . A valente mangustinha morreu!... Nagaína já a matou, lá no fundo da terra.

E pôs-se a cantar a mais triste das canções, improvisada com as notas mais sentidas da sua comoção. Súbito, quando estava justamente no trecho mais tocante, os

capins estremeceram de novo e Rikki-tikki foi reaparecendo, suja de terra primeiro a cauda, depois uma perna e outra, finalmente o corpo inteiro. Parou e lambeu os bigodes. Darzee deu um pio de surpresa, enquanto Rikki-tikki sacudia-se e espirrava.

- Está tudo acabado, disse a mangusta. A viúva não nos incomodará mais.

As formigas ruivas que moram nos caules das plantinhas ouviram essas palavras e trataram de descer em longas filas para verificar se era certo.

Rikki-tikki encolheu-se sobre a relva onde se achava e dormiu - dormiu até bem tarde, porque se sentia cansadinha do duro trabalho realizado.

- Agora, murmurou ela ao despertar, vou para casa. Darzee, conte o caso ao Caldeireiro, que ele espalhará por todo o jardim a notícia da morte de Nagaína.

O Caldeireiro é um pássaro que dá gritinhos absolutamente semelhantes à pancada do martelo numa vasilha de cobre; e faz isso porque é o arauto dos jardins indianos e o espalhador oficial de notícias.

Quando Rikki-tikki ia voltando para casa, ouviu o aviso de «atenção» do Caldeireiro, composto de notas semelhantes a pancadinhas num gongo - «*Ding-dong-tock! Nag já não existe! Ding-dong-tock! Nagaína já não existe! Ding-dong-tock!*»

A esse sinal todos os pássaros do jardim puseram-se a cantar, e os sapos fizeram coro, porque Nag e Nagaína viviam de comer sapos e passarinhos.

Ao aproximar-se da casa, Rikki-tikki viu saírem ao seu encontro Teddy, a mãe de Teddy (muito pálida ainda, pois havia desmaiado), e logo atrás o pai de Teddy, todos muito comovidos de ternura e gratidão. Choravam. Nessa noite a mangustinha comeu tudo quanto lhe ofereceram, comeu até não poder mais, e foi para a cama sobre o ombro do menino. Quando a mamãe apareceu no quarto para dar ao filho uma última vista d'olhos, viu a mangustinha quietinha, já livre das inquietações da véspera. Dormia.

- Parece incrível, disse a boa senhora ao marido, mas ela nos salvou a vida a todos!...

Rikki despertou de sobressalto, porque as mangustas têm o sono levíssimo.

- Oh, é a mãe de Teddy! exclamou reconhecendo-a. Não se inquiete mais, mulher. Tôdas as cobras foram mortas e, se aparecer mais alguma, aqui estou eu de atalaia.

Rikki-tikki tinha motivos para ficar cheia de si; mas não se encheu de si, não. Limitou-se a guardar o jardim, qual uma verdadeira mangusta - mangusta da ponta do focinho à ponta da cauda - e nunca mais nenhuma cobra ousou enfiar a cabeça para dentro do muro.

Canto de Darzee

(Cantado em louvor de Rikki-tikki-tavi)

*Eu sou cantor e tecelão -
E falsos gozos conheci -
Sou cioso da minha canção,*

Cioso da casa que teci.

*Na terra e no céu - Assim teci eu minha música - Assim teci eu
minha casa.*

Canta de novo aos teus filhotes,

Mãe, e suspende o colo teu!

Findou-se agora mal que punge,

Lá fora a Morte já morreu.

*O Terror que mora nas rosas é importante - lançou-se ao monturo
e morreu.*

E quem irá nos libertar?

Seu nome quem irá cantar?

Rikki, o valente entre os valentes,

Tikki, o das pupilas ardentes?

Rikk-tikk-tikki, o de garras ebúrneas, o caçador de pupilas ardentes.

Rendam-lhe louvores as aves

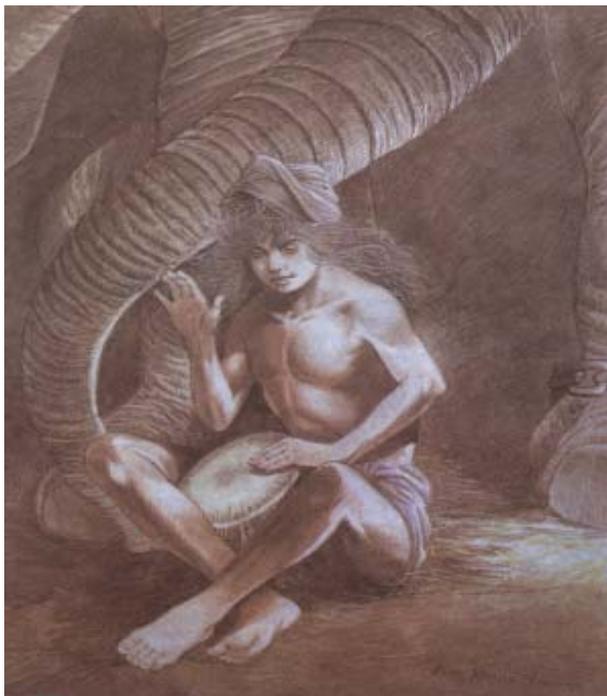
Com as caudas a se desdobrar

E os rouxinóis de vozes suaves...

Não! Sou eu quem o irá louvar.

*Ouvi! Eu vos cantarei a loa de Rikki, o de cauda em forma de frasco e de pupilas de
sangue.*

(Agora Rikki-tikki parou e o resto da canção se perdeu).



O AVANÇO DA JÂNGAL

Velai-as, cobri-as cercai-as, ó flores,
Ó lianas, ó folhas virentes!
Olvidem-se agora o cantato e os odôres,
O som e até mesmo a, visão dos viventes.
E pelo altar de pedra há cinza mais escura,
Já veio a chuva com os pés alvadios;
Multiplica-se a corça nos campos bravios
E o susto agora nem mais a tortura.
A parede, tremendo, periclita.
Agora ali por certo nem uma alma habita.

Deveis estar lembrados de que, após haver estendido a pele de Shere Khan sôbre a Roca do Conselho, Mowgli declarara aos lobos da Alcatéia de Seeonee que dali por diante caçaria sozinho; e os quatro filhotes de Mãe Lôba disseram que queriam caçar com êle. Mas não se muda uma vida dum momento para outro, sobretudo na Jângal. A primeira coisa que Mowgli fez, quando voltou da Roca do Conselho, foi abrigar-se na caverna dos seus amigos lobos e dormir todo um dia e toda uma noite. Ao despertar contou-lhes o que por eles podia ser compreendido das suas aventuras entre os homens, na aldeia - e quando fez rebrilhar o sol na lâmina da faca que de lá trouxera, e com a qual havia esfolado o tigre, os lobos concordaram que Mowgli tinha lucrado alguma coisa. Falaram em seguida Akela e o Lôbo Gris, que explicaram a parte por êles tomada no

estouro dos búfalos pela ravina adentro. Baloo subiu o morro para ouvir a história. Bagheera também e teve ocasião de coçar-se de gosto ao conhecer as manobras com que Mowgli havia conduzido a guerra contra Shere Khan.

O sol já ia alto e ninguém pensava em dormir. De quando em quando Mãe Lôba erguia a cabeça e respirava com deleite as brisas que traziam até ali a catanga da pele do tigre.

- Não fossem Akela e o Irmão Gris, e eu nada teria feito, disse em conclusão Mowgli. Oh, Mãe! Se tivesses visto o rebanho de búfalos derramar-se qual tufão na ravina depois investir contra a aldeia quando os homens me apedrejaram...

- Felizmente não vi, respondeu Mãe Lôba. Não suporto ver meus filhos tratados como chacais. Teria tomado vingança da Alcatéia dos Homens, poupando apenas a mulher que te deu leite. Sim, só pouparia a ela.

- Paz, paz, Raksha! murmurou Pai Lôbo pachorrentamente. Nossa Rãzinha voltou de novo e veio tão cheia de sabedoria que até seu pai lobo tem de beijar-lhe os pés. Fiquem os homens lá com os homens.

Baloo e Bagheera fizeram eco a essas palavras:

- Fiquem os homens lá com os homens.

Mowgli sorria, satisfeito, com a cabeça em repouso sobre o flanco de Mãe Lôba. De sua parte só desejava nunca mais ver, ouvir ou cheirar uma criatura humana.

- E se os homens vierem a ti, Irmãozinho? perguntou Akela movendo uma orelha.

- Somos «cinco», rosnou o Lôbo Gris correndo os olhos pelo grupo e batendo os dentes na palavra cinco.

- Temos que esperar pelo revide, observou Bagheera, com um ondular de cauda, pondo os olhos em Baloo. Mas para que pensar nos homens agora, Akela?

- Por uma razão muito simples, respondeu o Lôbo Solitário. Depois que a pele daquele ladrão rajado foi estendida sobre a Roca do Conselho, voltei à aldeia pelo caminho por onde viemos, a fim de embaralhar ou desfazer as nossas pegadas e desse modo despistar quem as quisesse seguir. Estava no fim do trabalho quando Mang, o Morcego, surgiu à minha frente, pendurado num ramo. «A aldeia donde os homens expulsaram Mowgli está zumbindo que nem vespeira», disse ele.

- Foi uma grande pedra que lhe atirei, gargalhou Mowgli, que muitas vezes se divertia em atirar pedras às vespeiras, fugindo a mergulhar-se nas lagoas próximas antes que as vespas o alcançassem.

Akela continuou:

- Perguntei a Mang o que vira por lá. Respondeu que a Flor Vermelha havia desabrochado nas portas da aldeia, com homens armados de carabinas em redor. Ora, eu sei que os homens não tomam as carabinas pelo simples prazer de as ter consigo - e isto dizendo o lobo olhava para as velhas cicatrizes que tinha num dos flancos. Homens armados devem a esta hora estar procurando o nosso rasto - se é que já o não acharam.

- Por que, pergunto eu? exclamou num assomo de cólera o menino. Os homens expulsaram-me de lá. Que mais querem comigo? Que pretendem?
- Tu és homem, Irmãozinho. Não compete a nós, Caçadores Livres, dizer o que os teus irmãos homens pretendem, disse Akela.

A faca de Mowgli brilhou no ar, rápida como o relâmpago. Mais rápido ainda o velho lobo fugiu com a pata, fazendo que o golpe falhasse e a lâmina se enterrasse no chão. Akela era lobo; e se até cães, degenerados pelo afastamento dos lobos de que procedem, despertam do mais profundo sono ao primeiro e levíssimo contato duma roda de carro, e fogem com o corpo antes que a roda os pegue, não seria um lobo quem recebesse o golpe do menino.

- Outra vez, disse Mowgli já calmo e metendo a faca na bainha, não me mistures com os homens. Quando falares da Alcatéia dos Homens e de mim, mete de permeio dois resfôlegos - não um só.
- Phff! Que dente agudo! murmurou Akela examinando o corte que a faca abrira no chão. Mas o fato de teres, vivido entre os homens, Irmãozinho, parece que enfraqueceu a rapidez do teu olhar. Falhaste no golpe e, ainda velho como estou, afirmo-te que eu teria matado um gamo no espaço de tempo que gastaste com o golpe em falso.

Súbito, Bagheera saltou de pé, com a cabeça esticada, músculos retesos. Farejava o ar. O Lobo Gris imitou-a. Imobilizou-se à esquerda da pantera para ter nas ventas a débil aragem que vinha da direita. Akela, projetado de salto longe dali, também farejava, agachado.

Mowgli encheu-se de inveja. Podia farejar odores melhor do que qualquer outra criatura humana, mas estava longe da extrema sensibilidade do olfato dos filhos da Jângal - os três meses passados na aldeia fumarenta embotaram-no bastante.

Todavia molhou o dedo, esfregou-o no nariz e pôs-se na ponta dos pés, para apanhar de mais alto o cheiro, O cheiro apanhado no alto é o mais seguro, embora seja o mais fraco.

- Homem! rosou Akela caindo em repouso sobre os quartos.
- Buldeo! completou Mowgli, sentando-se. Está a seguir os nossos rastos e o sol reflete-se na sua espingarda. Notai. Referia-se a um insignificante reflexo de luz, que numa fração de segundo brilhou no gatilho de bronze do velho mosquete Tower de Buldeo. Mas nada na Jângal pisca como esses reflexos, salvo quando as nuvens deitam coriscos no céu. Aí, um fragmento qualquer de mica, uma pouca d'água ou mesmo uma folha lustrosa cintilam como o heliógrafo.
- Eu tinha a certeza de que os homens iam seguir-nos, exclamou Akela com vaidade. Não foi imerecidamente que alcancei a chefia da Alcatéia.

Os quatro filhotes de lobo nada disseram, mas esgueiraram-se morro abaixo, sumindo-se na macega como a toupeira se some em seu buraco.

Mowgli gritou:

- Para onde ides, assim sem ordem?
- Hsh! responderam êles de longe. Havemos de rolar morro acima o crânio do caçador

antes que o sol esteja a pino.

- Para trás! Para trás! Homem não come homem, gritou Mowgli.
- Homem? disse com ironia Akela, enquanto os lobinhos voltavam de cabeça baixa. Homem? Quem insistia em ser apenas lobo ainda há pouco? Quem me lançou um golpe de faca só porque o misturei com os homens?
- Não dou as razões do que decido! gritou Mowgli com violência.
- Homem! Homem! Assim falam os homens! sussurrou Bagheera por entre seus bigodes. Assim falavam os homens que vi em redor das jaulas reais em Odeypore. Nós da Jângal sabemos que o homem é o mais fino de todos os seres. Mas, se valem nossas observações, é também o mais louco.

Depois, erguendo a voz:

- O Filhote de Homem tem razão. Os homens caçam em sociedade. Matar a um só, isolado, é mau negócio, embora saibamos o que depois costumam os outros fazer. Vinde todos. Vejamos o que este homem quer de nós.
- Ficaremos aqui, rosnou o Lobo Gris. Mowgli que cace sozinho. «Nós» nos entendemos. O crânio do caçador já estaria a estas horas pronto para ser rolado...

Com os olhos cheios de lágrimas e o coração pesado Mowgli correu a vista pelos lobos; depois, caindo sobre um dos joelhos, disse-lhes:

- Não sei então o que faço? Vamos, olhai para mim, nos olhos!

Os lobos o olharam nos olhos, mal à vontade, e logo desviaram a cabeça; Mowgli insistiu para que o olhassem de novo, e mais, e mais - e dominados pela força do seu olhar os lobos sentiram os pêlos arrepiarem-se e tremeram de corpo, como fascinados.

- Dizei-me agora: qual dentre nós cinco é o chefe?
- Tu, Irmãozinho, respondeu o Lobo Gris vindo lambendo os pés.
- Segui-me, então, ordenou Mowgli - e os quatro o seguiram, de cauda entre as pernas.
- Isso vem de ter êle vivido na Alcatéia dos Homens, observou Bagheera, esgueirando-se-lhes atrás. Há na Jângal, agora, alguma coisa acima da Lei de Baloo!

O velho urso nada disse; estava profundamente pensativo.

Mowgli cortou a floresta em silêncio, por atalhos, até alcançar o velho caçador de mosquete ao ombro. Buldeo seguia as pegadas do rasto num trocinho de cachorro.

Os leitores lembram-se de que Mowgli havia deixado a aldeia com a pesada carga da pele de Shere Khan às costas, seguido de Akela e do Lobo Gris; dêsse modo um rasto tríplice ficara impresso no chão. Buldeo acabava de chegar ao ponto em que Akela desmanchara essa pista. Sentou-se, tossiu, resmungou; deu depois umas tantas voltas em redor, a ver se apanhava de novo as pegadas - e durante todo êsse tempo esteve à distância duma pedrada dos seus inimigos. Nada mais silencioso do que um loiro que procura não ser ouvido; quanto a Mowgli, movia-se qual sombra, embora seus companheiros achassem que êle se movia com espalhafato. Assim, rodearam o velho caçador como um bando de cetáceos rodeia o navio que vai a toda velocidade, e enquanto

o rodeavam conversavam despreocupadamente, pois o tom caíra a ponto baixo demais para que ouvidos humanos pudessem ouvi-los.

- Isto é melhor do que matar, disse o Lôbo Gris divertido, vendo Buldeo abaixar-se, examinar o chão e praguejar. Parece um porco perdido na floresta. Que diz êle?

Buldeo resmungava continuamente. Mowgli traduzia.

- Diz que bandos de loiros devem ter dançado em redor de mim. Diz que nunca em sua vida encontrou rastos como estes. Diz que está cansado.

- Descansará antes que encontre de novo a pista, murmurou friamente a pantera ao esconder-se atrás dum tronco, no jogo de cabra-cega que brincavam. E «agora», que está fazendo êle?

- Comendo e assoprando fumaça. Os homens sempre estão a brincar com a boca, respondeu Mowgli.

Os cautelosos sitiantes do caçador, vendo-o encher e acender o cachimbo do qual tirou longas baforadas, fixaram na memória o cheiro do tabaco, de modo a poderem identificar a pessoa de Buldeo dentro da noite mais escura, se necessário fosse.

Nesse momento um grupo de carvoeiros, que passava perto, veio ter com Buldeo, cuja fama de caçador notável era conhecida em círculo de mais de vinte milhas. Sentaram-se todos, a fumar, sob os olhos espionantes de Bagheera e dos lobos, e Buldeo contou toda a história de Mowgli, o Menino-Diabo, com acréscimos de pura invenção. Contou de como havia êle, Buldeo, matado Shere Khan e de como o menino se virará em lobo e lutara com êle toda a tarde; de como revirara depois em menino outra vez e enfeitçara o mosquete, de modo que ao atirar contra Mowgli a bala se desviou indo acertar num búfalo; e de como a aldeia, que sabia ser êle, Buldeo, o mais valente caçador de Seeonee, o incumbira de dar cabo do Menino-Diabo. Contou também que o povo havia prendido Messua e seu marido, genitores, sem dúvida, do Menino-Diabo, os quais iam ser submetidos à tortura para que se confessassem feiticeiros. Depois seriam queimados.

- Quando? indagaram os carvoeiros, ansiosos por assistirem à cerimônia.

Buldeo respondeu que nada seria feito antes da sua volta, porque a aldeia desejava que o menino fosse morto primeiro. Só depois disso dariam cabo de Messua e do marido, apossando-se dos seus búfalos e terras. Ótimo isso de destruir os feiticeiros, ponderava Buldeo, com o pensamento na partilha dos búfalos; gente que lida com meninos-lôbos é sem dúvida a pior casta de feiticeiros.

Mas, perguntavam os carvoeiros, que acontecerá se os ingleses tiverem conhecimento disso? Os ingleses, êles bem o sabiam, eram homens maus, que não gostavam que honrados agricultores matassem sossegadamente feiticeiros. Buldeo respondeu que os cabeças da aldeia declararariam que Messua e o marido teriam sido mortos por picadas de cobra; tudo estava arranjado, e a coisa única que restava a fazer para dar início à trama, era matar o menino-lôbo. Não teriam êles por acaso visto por ali semelhante criatura?

Os carvoeiros correram os olhos em derredor, cautelosos, e agradeceram às suas estrelas não o terem visto nunca; mas confessaram que não tinham dúvidas de que um tão valente caçador como Buldeo logo o apanharia. O sol ia descambando. Os

carvoeiros lembraram-se de chegar ao vilarejo a fim de espiar a feiticeira. Buldeo alegou que, embora seu serviço fosse matar o menino-lobo, não poderia consentir que homens desarmados se aventurassem pela floresta sem escolta. O demoninho era capaz de aparecer e atacá-los. Por isso os acompanharia - e se o filho do feiticeiro surgisse, oh, mostraria mais uma vez quem era realmente o maior caçador de Seeonee. O Brâmane tinha-lhe dado uma figa que o punha a salvo de qualquer malefício.

- Que diz êle? Que diz êle? repetiam os lobos a cada passo - e Mowgli ia traduzindo a conversa até que se sentiu embaraçado. Aquilo de feiticeiro e feiticeira era coisa nova para ele. Mas contou, resumindo, que estavam presos na aldeia a mulher e o homem que haviam sido bons para com ele.

- Homens prendem homens? indagou Bagheera.

- Assim conta Buldeo. Não compreendo muito bem a conversa. Parecem-me loucos, todos êles. Que fizeram Messua e seu marido para que mereçam mundêu? E que história é essa de serem devorados pela Flor Vermelha? Tenho de evitar isso. Mas o que quer que pretendam fazer a Messua, não farão antes do regresso de Buldeo. Sendo assim...

Mowgli procurava firmar-se numa idéia. Estava de testa franzida, com a mão no punho da faca. Enquanto isso os carvoeiros levantaram-se e seguiram Buldeo em fila.

- Vou à Alcatéia dos Homens, resolveu Mowgli por fim.

- E êstes loucos? perguntou o Lobo Gris com olhos coléricos na fila dos carvoeiros.

- Desviái-os do caminho certo, respondeu Mowgli numa careta. Não quero que cheguem às portas da aldeia antes da noite. Podereis, tu e os outros, atrapalhá-los?

O Lobo Gris arreganhou os dentes com desprezo.

- Podemos faze-los andar a noite inteira em círculo, como cabras na corda. Conheço os homens.

- Não é preciso tanto. Basta que os atrapalheis por algum tempo antes que tomem a estrada. Não creio que para isso seja necessário grande esforço, Irmão Gris. E tu, Bagheera, ajudarás no trabalho. Quando a noite cair, esperai por mim rente à aldeia. O Irmão Gris conhece o ponto.

- Não é fácil trabalhar para o Filhote de Homem. Quando tirei a minha dormida? perguntou Bagheera num bocejo, embora seus olhos demonstrassem como estava encantada com a perspectiva daquele divertimento. Eu, a Pantera Negra, feita comparsa dum homenzinho nu! Mas experimentaremos isso.

Para começar, a pantera baixou a cabeça de modo que o som pudesse caminhar longe e desferiu o grito de «Boa caçada!» - grito da meia-noite soltado à tardinha, aterrorizante, Mowgli ouviu o grito erguer-se, ecoar e morrer transformado numa espécie de uivo queixoso atrás de si. Atrás, porque na carreira em que ia estava já longe. Percebeu que os homens se juntavam em grupo e que em tomo dêles rondava Buldeo, erguendo e baixando o mosquete qual folha de bananeira oscilada pelo vento. Então o Lobo Gris desferiu o seu «Ya-la-hi!», grito de caça de quando a Alcatéia leva por diante o nilghai, gado selvagem cinzento - e êsse uivo parecia vir dos extremos da terra. Os demais lobos espalhados pela Jângal responderam em coro, e Mowgli percebeu que toda a Alcatéia

Que piscando cada um devassaria,
Enquanto embaixo os patos selvagens exclamam:

“É o dia para o Homem, é o dia”!
O orvalho que a pelagem nos umedecia
E as rotas que trilhamos já secou;
No bebedouro antigo, neste instante,
A lama se crispou.
Traidora, a noite revela os sinais
Das unhas e das garras.
Então se escuta o grito: “Bom descanso a Vós
Que a Lei da Jângal observais”.

Nada pode dar idéia dêsse canto, nem do uivo em coro que os quatro amigos de Mowgli escandiam, qual estribilho, de espaço em espaço. De longe o menino ouviu estalidarem galhos. Eram os homens de Buldeo que trepavam às árvores, enquanto o velho caçador repetia as palavras mágicas que o Brâmane lhe ensinara. Uma única idéia absorvia Mowgli: arrancar Messua e o marido da trapa em que se achavam, qualquer que fosse ela, pois Mowgli detestava toda a sorte de trapas. Depois liquidaria contas com a gente da aldeia.

Amanhecia quando chegou aos campos cultivados e viu a árvore da «dhak», debaixo da qual o Lôbo Gris esperara por ele no dia da morte de Shere Khan. Irritado como se achava contra a Alcatéia dos Homens, algo lhe apertou a garganta ao divisar os primeiros tetos do vilarejo. Notou que todos os habitantes haviam regressado dos campos mais cedo e que em vez de estarem nas suas ocupações normais, preparando-se para a ceia do costume, estavam reunidos sob a figueira, muito excitados, num bate-boca sem fim.

- Os homens só se sentem satisfeitos quando armam coisas para outros homens, pensou Mowgli, A noite passada era para mim. Hoje é para Messua e seu marido. Amanhã e sempre será para mim outra vez.

Esgueirou-se ao longo do muro que circundava a aldeia até frontear a janela da casinha de Messua. Espiou para dentro. Lá a viu, amarrada de pés e mãos, respirando com dificuldade e gemendo. Ao seu lado o marido, atado aos pés da cama. A porta da cozinha que abria para a rua estava trancada e três ou quatro homens sentavam-se por ali, de costas para ela.

Mowgli conhecia muito bem os costumes e hábitos daquela gente. Sabia que enquanto pudessem comer, conversar e fumar não fariam outra coisa, mas que logo depois de comidos, conversados e fumados tornavam-se perigosos. Buldeo mais cedo ou mais tarde chegaria, e teria uma nova história muito interessante para contar. Assim refletindo, entrou Mowgli pela janela e, achegando-se aos prisioneiros, cortou-lhes as cordas – soltou-os e olhou em torno à procura de leite.

Messua estava semimorta de dor e pânico (havia sido apedrejada pela manhã); apesar disso Mowgli pôs-lhe a mão na boca a tempo de impedir de gritar. Seu marido, que se mostrava desvairado, logo se sentou, a puxar as barbas revoltas e sujas.

- Eu sabia... eu sabia que ele voltava, soluçou Messua por fim. Agora já não tenho dúvidas de que é meu filho, e abraçou Mowgli bem junto ao coração. O menino, até ali perfeitamente senhor de si, começou a tremer - o que muito o surpreendeu.

- Para que todas estas cordas? Por que vos amarraram a ambos? perguntou após breve pausa.

Messua nada respondeu, e Mowgli fixou os olhos em suas feridas, rangendo os dentes quando viu sangue.

- Que é isto, afinal?

- Oh! isto é uma conjura de toda a aldeia, respondeu o homem. Eu era muito rico, possuía muito gado. «Por isso» fomos acusados de feitiçaria, com pretexto de te havermos dado abrigo.

- Não te compreendo, disse Mowgli. Deixa que Messua me explique.

- Dei-te leite, Nathoo, lembras-te? começou Messua timidamente. Porque eras meu filho, o filho que o tigre me tomou e porque te amava de todo o coração. Eles acusaram-me de ser mãe de um demônio e por isso merecedora de morte.

- Que é demônio? perguntou Mowgli. Morte sei o que é.

O homem olhou-o com tristeza, mas Messua sorriu.

- Veja! exclamou ela para o marido. Eu sabia..., eu sabia que êle não era feiticeiro. Apenas meu filho... meu filho.

- Filho ou feiticeiro, que nos adianta isso? Respondeu o homem. Vão matar-nos.

- O caminho da Jângal está livre, disse Mowgli apontando para a janela aberta, e tens as mãos e os pés libertos. Foge!

- Nós não conhecemos a Jângal, meu filho, como...como tu a conheces, começou Messua. Não creio que possamos afundar-nos nela muito longe.

- E os homens e as mulheres iriam em nosso encalço e nos arrastariam para cá de novo, disse o marido.

- Hmm! exclamou Mowgli, batendo com a palma da mão no cabo da faca. Eu não quero fazer nenhum mal à gente daqui, «por enquanto». Mas não creio que vos retenham. Dentro em pouco terão muito que refletir sobre o caso. Ah! exclamou com a cabeça ereta, ouvindo um tumulto que se erguera fora. «Eles» deixaram que Buldeo viesse...

- Buldeo foi mandado esta manhã em tua procura, para matar-te, disse Messua. Não o viste por lá?

- Sim, encontrei-o. Buldeo traz uma nova história para contar e, enquanto a conta, teremos tempo para tudo. Mas antes de mais nada preciso saber como pretendeis agir, Pensai bem e chama-me quando for tempo.

Mowgli disse e saltou pela janela, esgueirando-se ao longo do muro da aldeia, por fora, até frontear a figueira das reuniões, onde o vozerio era intenso. Dali ouviria tudo. Buldeo estava sentado, tossindo e resmungando, dentro do tumulto de perguntas que lhe eram feitas. Seus cabelos caíam sobre os ombros; suas mãos e pernas estavam arranhadas de espinhos. Dificilmente podia falar, mas sentia a importância da sua situação. De espaço a espaço murmurava alguma coisa sobre os diabos - diabos cantores e encantamentos maravilhosos, para dar à multidão um ante-sabor do que pretendia narrar.

Depois pediu água.

- Bah! exclamou Mowgli, Conversa fiada, palavrório só. Os homens são irmãos de sangue dos «Bandar-log». Agora quer ele lavar a boca com água, depois quererá fumar, e depois de tudo isto ainda há a sua história a contar. São um povo muito sensato, os homens! Deixarão Messua sem guarda enquanto durarem as potocas de Buldeo. E... parece-me que fiquei tão lerdo quanto êles!

Mowgli sacudiu-se e voltou rápido à casinha de Messua. Ao alcançar a janela sentiu tocarem-lhe nos pés.

- Mãe loba, disse êle, que fazes aqui?

- Ouvi meus filhos cantarem o Canto da Madrugada, longe, na floresta, e segui-os - e vim atrás do que mais amo. Rãzinha, quero conhecer a mulher que te deu leite, concluiu Mãe Lôba, toda rebrilhante de gotas de orvalho.

- Eles a amarraram e querem-na matar. Cortei-lhe os laços e agora vai com o seu homem para a Jângal.

- Eu os acompanharei. Estou velha mas ainda tenho dentes, disse Mãe Lôba, ajeitando-se no muro para melhor espiar dentro da casinha.

Num segundo imobilizou-se e tudo quanto disse foi:

- Eu dei a ti o primeiro leite, mas Bagheera tem razão. O homem volta ao homem, no fim. - Pode ser, disse Mowgli de muito má cara. Esta noite, estou muito longe disso. Espera aí sem deixar que ela te veja.

- «Tu» nunca tiveste medo de «mim», Rãzinha, observou Mãe Lôba voltando a mergulhar-se nas ervas altas como os lobos sabem fazer.

- Agora, fez ver Mowgli a Messua penetrando de novo na casinha, lá estão todos à volta de Buldeo, que conta o que não houve. Logo que se acabe a tagarelice, virão para aqui, em tumulto a fim de queimar-vos a ambos com a Flor Vermelha. E então?

-Já conversei com o meu homem, disse Messua. Khanhivara fica a trinta milhas daqui, mas em Khanhivara temos os ingleses. . .

- A que Alcatéia pertencem?

- Não sei. Os ingleses possuem a pele branca e dizem que governam êste país inteiro e não admitem que se queime ninguém, Se conseguirmos chegar até lá, estaremos salvos.

- Salvai-vos, então. Nenhum homem sairá da aldeia esta noite. Mas... que está êle fazendo? indagou Mowgli ao ver o marido de Messua escavar a terra a um canto da cabana.

- Ele tem um pouco de dinheiro escondido. Nada mais poderemos levar, respondeu Messua.

- Ah, sim. Essas rodelinhas que correm de mão em mão e nunca se esquentam. Usam-nas fora desta aldeia também? O homem olhou para o menino com ar de cólera.

- Ele não é diabo nenhum, é apenas bobo, murmurou. Com êste dinheiro comprei um cavalo. Estamos muito machucados para empreender a jornada a pé; além disso, o povo nos seguiria os rastos dentro duma hora.

- Digo que ninguém seguirá coisa nenhuma antes que eu o permita; mas a idéia do cavalo é boa - Messua está cansada, advertiu Mowgli.

O homem pôs-se de pé e amarrou todas as suas rupias em torno à cinta, enquanto Mowgli ajudava Messua a pular a janela. O frescor da noite logo a reanimou, embora a Jângal, ao longe, sob as estrelas, lhe parecesse terrível.

- Conheceis o caminho de Khanhivara? sussurrou Mowgli.

Ambos fizeram com a cabeça que sim.

- Nada de mêdos, então, e nada de pressa. Ouvireis por algum tempo o Canto da Jângal. Não vos assusteis com isso.

- Julgas que arriscaríamos uma entrada à noite na Jângal a não ser para fugir do fogo? Antes sermos mortos pelas feras do que pelos homens, disse o marido de Messua.

Messua, porém, olhou para Mowgli e sorriu.

- Eu digo, prosseguiu Mowgli, como se fosse Baloo que estivesse falando a filhotes ingênuos, que nenhum dente na Jângal se arreganhará contra vós, nenhuma pata se erguerá contra vós. Nem animal, nem homem vos deterá durante a jornada para Khanhivara. Sereis guardados.

Depois, voltando-se para Messua;

- «Ele» não acredita, mas tu sabes que é assim, não?

- Pois decerto, meu filho. Homem, fantasma ou lobo da Jângal: eu acredito em ti.

- «Ele» ficará apavorado quando ouvir o Canto da Jângal - o canto do meu povo. Tu, não; tu compreenderás tudo. Ide agora, e devagar - nada de pressa. As portas da aldeia estão fechadas.

Messua lançou-se soluçante aos pés de Mowgli, que a ergueu com um tremor no corpo. Então pendurou-se-lhe ela ao pescoço e disse-lhe todos os nomes de bênçãos que sabia. Enquanto isso seu marido olhava rancorosamente para os campos, resmungando:

- Se eu alcançar Khanhivara e puder ser ouvido dos ingleses, proporei uma demanda contra esta gente, o Brâmane, o velho Buldeo e outros, e roerei a aldeia até aos ossos. Hão de pagar-me no dobro as colheitas e rebanhos que vou abandonar. Hei de conseguir justiça.

Mowgli sorriu.

- Não sei o que justiça é, mas se voltares na próxima estação chuvosa verás o que resta da aldeia...

Saíram rumo à Jângal e Mãe Lôba surgiu do seu esconderijo.

- Segue-os, disse Mowgli, e vê que toda a Jângal saiba que eles têm passaporte. Dá à língua, um pouco. Vou agora chamar Bagheera.

O grito de apêlo à pantera soou, fazendo o marido de Messua estremecer e

entrepasar, indeciso.

- Adiante! gritou Mowgli alegremente. Lembra-te de que te falei dumas cantorias. Este grito há de se repetir até Khanhivara. É a palavra de Senha da Jângal.

Messua impeliu seu homem para a frente, ao tempo em que Mãe Lôba e Bagheera surdiaram quase sob os pés de Mowgli, trêmulas do deleite da noite.

- Estou envergonhada dos teus irmãos lobos, disse a pantera,

- Por quê? Não atrapalharam Buldeo lindamente? admirou-se Mowgli.

- Bem, bem, sim. Bem demais. Fizeram-me até perder o orgulho e - pelo Ferrôlo a que devo a liberdade! - sair uivando pela Jângal como se a primavera houvesse chegado. Não me ouviste?

- Estava muito preocupado com outras coisas. Mas pergunta a Buldeo se te ouviu o canto... Onde estão os Quatro? Não quero que ninguém transponha as portas da aldeia esta noite, ouviste?

- Para que, os Quatro? perguntou Bagheera rebolando as ancas, olhos em fogo, o ronrom cada vez mais alto. Eu poderei conte-los a todos, sozinha, Irmão. Haverá matança no fim. O Canto de Apêlo e a vista dos homens trepados às árvores puseram-me elétrica. Que é o Homem para que nos dê cuidados - êsse cavouqueiro escuro, sem pêlos nem dentes, comedor de coisas do chão? Eu os segui o dia todo quando o sol estava alto. Tangi-os como os lobos tangem rebanhos de gamos. Sou Bagheera, Bagheera, Bagheera! Assim como danço com a minha sombra, assim dancei com aquêles homens.

A grande pantera negra saltou como salta um gatinho sob a folha morta que desce regirante da árvore; desferiu golpes à esquerda e à direita no ar vazio, fazendo-o zumbir; saltou várias vêzes e ao voltar à terra chiou rosidos que lembravam o vapor escapo da caldeira.

- Sou Bagheera, filha da Jângal e da Noite - e minha força está toda em mim mesma. Quem resiste a meus golpes? Filhote de Homem, com um só tabefe posso deixar tua cabeça chata como um sapo morto.

- Bate, então, desafiou Mowgli no dialeto da aldeia e não na língua da Jângal - e aquelas palavras humanas fizeram Bagheera armar o bote. Uma vez mais Mowgli a encarou como havia encarado os lobinhos rebeldes; encarou-a em cheio nos olhos verde-berilo, até que o rubi líquido que se esconde atrás dêsse verde se apagasse, como luz de farol se apaga a vinte milhas de distância sobre o mar. Os olhos da pantera baixaram e com êles a cabeçorra - e mais e mais e mais até que uma língua vermelha veio lambar os pés do menino.

- Irmã - Irmã - Irmã! exclamou Mowgli batendo-lhe cariciosamente no pescoço luzidio. Cala-te. A culpa é da noite, não tua.

- Foram os cheiros da noite, sim, concordou Bagheera penitentemente. Este ar grita para o meu sangue. Mas como «tu» o sabes?

O ar em torno das aldeias indianas recende a mil sortes de cheiros e para uma criatura que forma quase todos os seus pensamentos por meio da sensação olfativa, o cheiro é tão entontecedor como a música, ou as bebidas para os sêres humanos. Mowgli

acariciou a pantera por alguns minutos mais, conservando-a deitada diante do fogo, as patas sob o peito, os olhos semicerrados.

- Tu és da Jângal e tu não és da Jângal, murmurou Bagheera por fim. Já eu não passo duma simples pantera negra. Mas tenho-te amor, Irmãozinho.

- Eles estão numa conversa muito comprida sob a figueira, observou Mowgli mudando de assunto. Buldeo conta histórias. Breve irão arrancar a mulher e o seu homem do mundéu de barro, onde os prenderam, para lançá-los na Flor Vermelha - e encontrarão o mundéu vazio, Holho!

- Agora ouve, disse Bagheera. A febre já abandonou meu corpo. Deixa-me ir esperá-los lá. Não será a primeira vez que eu fique dentro duma jaula - e não creio que desta me amarrem com cordas.

- Sê prudente, aconselhou Mowgli, rindo-se e já tão inquieto como a pantera, que se esgueirara para dentro da casa.

- Pah! rosnou Bagheera. Este lugar cheira a criaturas humanas, mas aqui vejo cama como já possuí parecida nas jaulas do Rei, em Odeypore. Vou deitar-me nela - e Mowgli ouviu a cama ranger ao peso da pantera. Pelo Ferrôlho que quebrei, continuou Bagheera, êles vão pensar que me apanharam! Aproxima-te e senta-te ao meu lado, Irmãozinho. Nós lhes daremos «Boa caçada!» juntos.

- Não; tenho outra idéia no estômago. A Alcatéia dos homens de nenhum modo deve saber que tomei parte neste jogo. Faze o que quiseres, que eu nem vê-los quero mais.

- Assim seja, disse Bagheera. Ah, lá vêm vindo êles! A conferência sob a figueira terminara. Entre gritos selvagens, uma onda de homens e mulheres, a brandirem facas, forces e paus, rolou pelas ruas, Buldeo e o Brâmane vinham à frente. A multidão seguia-os gritando: - Abaixo a feiticeira e o mágico! Veremos se moedas em brasa os farão confessar. Queimemos a casa com os dois dentro! Havemos de lhes ensinar como receber lobos-diabos! Archotes! Mais archotes! Buldeo, prepara a espingarda!

Ao chegarem à casa de Messua, houve embaraço com a porta, que fora trancada por dentro. Eles, porém, a despedaçaram e a luz dos archotes invadiu o quarto onde, espichada na cama, negra como piche, terrível como o demônio, Bagheera os esperava. Houve meio minuto de apavorado silêncio, enquanto os da primeira fila forçaram o recuo para fora, e nesse meio minuto Bagheera ergueu a cabeça e bocejou - um bocejo elaborado, ostensivo (estudadíssimo, como o usava quando queria insultar a algum da sua raça. Sua beizarra negra arreganhou-se para trás e para cima, ao mesmo tempo que a língua vermelha se espichava qual ponto de interrogação; a maxila inferior descaiu até mostrar o fundo da garganta; a alva dentuça entreabriu-se lenta para depois fechar-se de brusco, soando metálica qual porta de cofre forte.

A rua ficara deserta. Bagheera, que tinha saltado pela janela e permanecia ao lado de Mowgli, viu ao longe uma torrente de criaturas tomadas de pânico, atropelando-se na precipitação de ganhar suas casas.

- Eles não mais aparecerão antes que o sol rompa, previu Bagheera. E agora?

Um silêncio de sesta havia empolgado a aldeia, mas Mowgli percebeu que dentro das casas se arrastavam caixas e mais móveis pesados para o escoramento das portas.

Bagheera tinha razão. Ninguém apareceria antes que o sol rompesse. Mowgli sentou-se, calado e pensativo, com o rosto sombrio.

- Que fiz eu? indagou Bagheera vindo acariciar-lhe os pés.
- Nada de mau. Guarda agora os meus fugitivos até que o sol rompa. Vou dormir, disse Mowgli - e correu para a Jângal, onde caindo pesadamente sobre uma laje, dormiu toda a noite e todo o dia seguinte.

Quando acordou, estava Bagheera ao seu lado, com o gamo que viera de abater. A pantera acompanhou, curiosa, o trabalho da faca de Mowgli no carneamento da caça. O rapaz comeu e bebeu; depois sentou-se com o queixo nas mãos.

- O homem e a mulher chegaram sem novidade aos arredores de Khanhivara, disse Bagheera - tua Mãe Lôba o mandou dizer por Chil, o Abutre. Antes da meia-noite conseguiram um cavalo e seguiram rápido. Não correu tudo bem?
- Muito bem, confirmou Mowgli.
- E os teus homens da aldeia não se mexeram a noite inteira. Só depois que o sol rompeu é que puseram o nariz de fora.
- Por acaso não te teriam visto?
- Decerto que viram. Pela manhã ainda eu estava a espojar-me no pó à entrada da aldeia e creio mesmo que cantei alguns dos meus cantos. Agora, Irmãozinho, nada há mais que fazer. Vem caçar comigo e Baloo. Baloo tem novas colméias para ti e na Jângal todos desejamos tua volta. Deixa essa cara amarrada que até a mim mete medo. O homem e a mulher não serão devorados pela Flor Vermelha e tudo corre bem na Jângal, não é verdade? Esqueçamo-nos dos homens.

- Serão esquecidos... Onde está pastando Hathi?
- Onde lhe apraz. Quem pode responder pelo Silencioso? Mas que conseguiria Hathi fazer mais do que nós?
- Dize-lhe que venha ter comigo, êle e os filhos.
- Irmãozinho, não se vai assim dizendo a Hathi - «Venha» ou «Vá». Tu te esqueces de que é êle o Senhor da Jângal e que antes que a Alcatéia dos Homens mudasse tua cara, êle te ensinou as Palavras de Senha da Jângal.
- Tenho uma Palavra de Senha para Hathi. Dize-lhe que venha ter com Mowgli, a Rã, e, caso não te dê ouvidos, fala-lhe no Saque dos Campos de Bhurtpore.
- O Saque dos Campos de Bhurtpore, repetiu Bagheera duas ou três vezes para bem decorar a senha. Já vou. Hathi pode ser lançado na pior cólera e eu daria uma caçada à lua para conhecer uma senha a que êle obedeça.

Bagheera partiu deixando Mowgli a esfaquear furiosamente o chão. Jamais havia ele visto sangue humano até o dia em que viu - e o que é mais, cheirou - o sangue de Messua nas cordas que a amarravam. E Messua tinha sido boa para êle e êle lhe queria tanto quanto detestava o resto do gênero humano. Mas por muito profundamente que o homem lhe repugnasse, com as suas falas, sua crueldade, sua covardia, por coisa nenhuma tomaria uma vida humana, nem aspiraria de novo aquêle terrível cheiro de sangue. Seu plano era mais simples, embora completo - e Mowgli riu-se para si mesmo

ao lembrar-se de que havia sido uma das histórias de Buldeo contada sob a figueira que lhe dera a idéia.

- Era de fato uma Palavra de Senha, sussurrou Bagheera ao regressar. Os quatro estavam pastando perto do rio e obedeceram-lhe como se fossem bois. Olha! Lá vêm eles!

Hathi e seus três filhos chegaram, como de costume sem barulho, ainda com a lama do rio nos flancos. Hathi mascava pensativamente os rebentos macios dum plátano arrancado com as pêsas. Mas cada linha do seu grande corpo mostrava a Bagheera que em face do Filhote de Homem o elefante não era o Senhor da Jângal - e sim um que tinha medo posto em frente a um que não tinha medo. Seus três filhos balançavam o corpanzil atrás dêle.

Mowgli apenas ergueu a cabeça quando Hathi o saudou com o «Boa caçada!» do costume. Deixou-o ficar por muito tempo naquele balanceamento de corpo, ora descansado sobre as patas da direita, ora sobre as da esquerda; e quando abriu a boca para falar, dirigiu-se à pantera, não a êle.

- Vou contar uma história que ouvi a um dos caçadores que tu atropelaste ontem, começou Mowgli. Trata-se dum elefante, velho e avisado, que caiu num mundéu e foi ferido por uma estaca pontuda que havia no fundo. Foi ferido num lanho contínuo desde rente ao casco até ao topo do ombro - e disso lhe ficou uma larga cicatriz branca, como de chibatada de ferro quente.

Mowgli espichou a mão e Hathi, ajeitando-se à luz da lua, deixou ver a sua cicatriz branca, perfeita chibatada de ferro quente.

- Os homens vieram tirá-lo do mundéu, continuou Mowgli, mas as cordas com que o amarraram se partiram e o elefante escapou, fugindo para longe e longe ficando até que o ferimento cicatrizasse. Então voltou, cheio de cólera, às terras desses caçadores, durante a noite. Recordo êsse fato agora que êle tem três filhos, pois é coisa sucedida há muitas e muitas chuvas atrás, em Bhurtpore. Que aconteceu aos campos desses caçadores, pela época das colheitas, Hathi!

- As colheitas foram recolhidas por mim e pelos meus filhos.

- E o aramento da terra para novas plantações depois da colheita? perguntou Mowgli.

- Nunca mais se arou aquêlo chão, respondeu Hathi.

- E que sucedeu aos homens que vivem dessas plantas que saem do chão?

- Sumiram-se de lá.

- E as cabanas em que êsses homens moravam?

- Nós desmantelamos os tetos; o mato, depois engoliu as paredes.

- E que mais houve?

- Os campos foram invadidos pela Jângal, de norte a sul, de este a oeste, numa área que levo duas noites a percorrer. Foram assim engolidas pela Jângal cinco aldeias - e nessas aldeias, e seus campos de cultura e pastos, não existe hoje um homem só que tire alimento da terra. Esse foi o Saque dos Campos de Bhurtpore, que eu e os meus fizemos. Agora pergunto: como a notícia disto chegou ao Filhote de Homem?

- Um homem tudo me contou e agora vejo que até Buldeo pode falar a verdade. Foi

trabalho bem feito, Hathi, mas da segunda vez vai ser mais bem feito ainda, porque o novo saque será dirigido por um homem. Conheces, Hathi, a Alcatéia de Homens que me expulsou? Gente preguiçosa, insensata e cruel, gente que brinca com a boca e não mata os mais fracos para comer, sim por esporte. Quando está de estômago cheio é capaz de tudo - até de lançar os filhos à Flor Vermelha. Isto vi com meus olhos. Não fica bem, pois, que tal gente continue a viver na aldeia por mais tempo. Eu a detesto!

- Mata-os, então, sugeriu o mais moço dos filhos de Hathi, arrancando um tufo de capim, cuja terra sacudiu de encontro às pernas, para depois o lançar longe, enquanto seus olhos espiavam furtivamente dum lado e doutro.

- Para que quero ossos brancos? respondeu Mowgli com ímpeto. Sou acaso filhote de lobos dos que brincam ao sol com cabeças cortadas? Matei Shere Khan - e sua pele está apodrecendo na Roca do Conselho. Quero agora abafar a aldeia. Deixa que a Jângal a invada, Hathi!

Bagheera estremeceu e agachou-se. Podia compreender um assalto à aldeia, com tapas à direita e à esquerda na multidão apavorada, ou uma hábil matança de homens distraídos nos trabalhos dos campos; mas aquêlo plano de deliberadamente apagar uma aldeia inteira dos olhos dos homens e dos filhos da Jângal, a apavorava. Hum! Para aquilo mandara Mowgli buscar Hathi! Somente o velho elefante era capaz de conduzir tal empresa.

- Façamo-los sumirem-se como se sumiram os homens dos campos de Bhurtpore, de modo que voltemos a ter lá apenas a água das chuvas em vez de aramentos de terra, e o ruído das gotas que caem sobre as folhas em vez do ruído das rocas de fiar - e Bagheera com seu antro na casa do Brâmane, e os gamos bebendo na fonte detrás da igreja! Hathi, Hathi, estende a Jângal sobre a aldeia, Hathi!

- Mas eu... mas nós não temos questões com a gente dessa aldeia, e sem ser movidos pela cólera rubra que a grande dor dá, não poderemos destruir os mundéus de palha e barro onde os homens dormem, respondeu Hathi vacilante.

- Sereis vós, os elefantes, os únicos comedores de erva da Jângal? Traze os outros. Faze que venham os gamos e javardos e nilghais. Não haverá necessidade de mostrares um palmo da tua pele antes que as culturas estejam destruídas. Estende a Jangal sobre a aldeia, Hathi!

- Não haverá matança? Minhas prêsas ficaram rubras no Saque dos Campos de Bhurtpore e eu não quero nunca mais sentir o cheiro do sangue.

- Nem eu. Nem quero que os ossos dessa gente fiquem sobre a terra limpa de suas presenças. Que vão para outras plagas em procura de novos antros. Tais criaturas não podem por mais tempo permanecer aqui. Vi o sangue, cheirei o sangue da mulher que me deu alimento, da mulher boa que quiseram matar por minha causa. Somente o cheiro vivo da vegetação nova a crescer na soleira das portas poderá apagar o cheiro de sangue que tenho no nariz. Sinto-o queimar-me o rosto. Hathi, Hathi, estende a Jângal sobre a aldeia, Hathi!

- Ah! exclamou o elefante. Do mesmo modo me queimou a cicatriz até o dia em que vimos as cinco aldeias subverterem-se dentro da vegetação da primavera! Compreendo-te agora. Tua guerra será a nossa guerra. Havemos de estender a Jângal sobre a aldeia, Irmãozinho!

Antes que Mowgli voltasse a si do acesso de cólera e ódio que o empolgava, Hathi e seus filhos puseram-se em marcha. Ficou Bagheera, de olhos fixos no menino-lobo, presa de pânico.

- Pelo Ferrôlho que me libertou! rugiu ela por fim. Serás tu aquela coisinha nua em favor de quem falei no Conselho, anos atrás? Senhor da Jângal! Quando minhas forças se extinguirem, fala também a meu favor, de Baloo, fala a favor de todos nós! Somos débeis filhotes diante de ti, ó grande! Somos galinhos secos sob o pé que passa! Somos veadinhos que perderam a veada mãe!

A idéia de Bagheera comparar-se a veadinho sem mãe, curou Mowgli completamente; riu-se e soluçou e riu-se e soluçou de novo; por fim lançou-se à água a fim de voltar ao natural. Por longo tempo nadou, mergulhando a espaços sob a lua, como a rã de que trazia o apelido.

Por êsse tempo Hathi e seus filhos já estavam em marcha silenciosa pelo vale abaixo, longe dali, cada qual numa direção. Por dois dias caminharam, fazendo sessenta milhas através da Jângal; e cada passo que davam, cada movimento de suas trombas era notado por Mang e Chil, pelo Povo Macaco e todas as aves. Ao cabo de dois dias detiveram-se a pastar - e pastaram na maior calma por toda uma semana. Hathi e seus filhos são como Kaa, a Serpente da Rocha. Nunca se apressam antes do momento exato.

A partir dêsses dias um rumor de origem desconhecida entrou a correr na Jângal - que em tal e tal vale havia muito melhor pasto e aguadas. Os cerdos, os quais vão ao fim do mundo atrás de melhor alimento moveram-se antes dos outros, às manadas, brigando pelo caminho; depois movimentaram-se os gamos e as raposas que vivem dos mortos ou moribundos que os rebanhos em marcha deixam atrás de si; os nilghais de peito largo entraram na cauda dos gamos; os búfalos dos pantanais seguiram a trilha dos nilghais. Nessas marchas em bando a menor causa provoca estouros, que fazem os emigrantes arrepiar caminho. Dessa vez, porém, quando um alarma se dava, alguém surgia para sossegá-los. Ora Ikki, o Porco-espinho, cheio de boas notícias sobre a abundância de pastos um pouco além; ora Mang, que piava com alegria e voava rasteiro através duma aberta para demonstrar que não existia perigo nenhum. Também Baloo, com a boca cheia de raízes, costumava aparecer à margem daquela comprida procissão, ajudando-a a manter-se na rota devida. Muitos animais arrepiaram caminho, desgarraram ou perderam o interesse pela marcha; a maioria, porém, a prosseguiu. Gamos e cerdos e nilghais concentram-se num círculo de oito ou dez milhas de raio, enquanto os Comedores de Carne escaramuçavam nas beiradas, forçando o avanço da multidão. No centro desse círculo ficava a aldeia, rodeada das suas plantações. Aqui e ali, dentro das roças, viam-se homens sentados em «machãs» - altos jiraus toscos - com a missão de espantar passarinhos e outros depredadores de grãos. Era noite escura quando Hathi e seus filhos deixaram a Jângal e penetraram nas roças, das quais arrancaram as «machãs» como se fossem tenros talos de milho novo - e os homens que lá de cima vieram abaixo sentiram nas faces o hálito do elefante. Então a vanguarda do exército de gamos derramou-se pelas pastagens da aldeia e campos de cultura; e os cerdos de rijo focinho logo os seguiram - e o que escapava ao gamo não escapava ao cerdo. De quando em vez rompiam alarmas, «Os lobos! Os lobos!» e os copiosos rebanhos de comedores de ervas corriam desabalados dum ponto para outro, apisoando os campos de centeio e obstruindo as valetas de irrigação. Antes que a manhã rompesse, a pressão exterior sobre os rebanhos

fraquejou num ponto. Os Comedores de Carne abriram caminho por onde manadas e manadas de búfalos rompessem o círculo, rumo sul. Muitos dêles, os mais intrépidos, ocultaram-se nas moitas espessas para concluir na noite seguinte a refeição iniciada.

Mas o trabalho de arrasamento já estava feito, Pela manhã os da aldeia verificaram que suas roças eram perdidas, fato que queria dizer morte a fome, caso não se retirassem dali. Quando os búfalos domésticos, famintos do jejum da noite, foram soltos nos pastos, viram logo que os gamos tinham destruído tudo - e internaram-se na Jângal para se misturarem aos búfalos selvagens. Mais. Ao cair da noite três ou quatro pôneis da aldeia foram encontrados com as cabeças lanhadas. Unicamente Bagheera era capaz de produzir tais lanhos – como unicamente ela teria a lembrança de arrastar insolentemente as carcaças para as ruas do vilarejo.

Os camponeses não se sentiam com ânimo de acender fogueiras nos campos, durante a noite, o que permitiu que Hathi e seus filhos viessem completar a obra da véspera - e quando Hathi completava um trabalho, completo para sempre ele ficava. Os da aldeia resolveram viver dos cereais para semente que havia de reserva, e assim agüentarem-se até tempo de novas plantações; também se alugariam pelas redondezas para mitigar a espera. Mas enquanto os homens que possuíam reservas de cereais estavam a fazer a conta do que poderiam ganhar com a alta, as prêsas de Hathi esfuracavam as paredes dos celeiros, deixando que todo o grão se perdesse.

Depois que êste último desastre foi descoberto, o Brâmane falou. Disse que tinha rogado aos deuses, sem nenhuma resposta. Que com certeza os da aldeia haviam ofendido, involuntariamente embora, algum gênio da Jângal, pois que sem a menor sombra de dúvida a Jângal estava contra êles. Em vista disso mandaram buscar o chefe da próxima tribo de Gonds - pequenos caçadores negros que vivem no fundo da Jângal e cujos pais provêm da mais velha raça da Índia. Eram os aborígenes da zona. Depois de muito presenteado, o chefe Gond ficou sobre um pé só, de arco na mão e três flechas espetadas no turbante, olhando, meio com desprezo, meio com medo, para os campônios ansiosos e para os campos arrasados. Os da aldeia queriam saber se os deuses Gonds - os velhos deuses - estavam zangados com eles e que sacrifícios deveriam fazer. O Gond nada disse, mas tomou dum ramo de «Karela», a trepadeira que produz a mais amarga das cabaças, e o entrelaçou na porta do templo, em face do vermelho ídolo hindu de olhos arregalados. Em seguida apontou com a mão rumo de Khanhivara. Feito isso regressou para a sua Jângal, observando pelo caminho o avanço dos animais. O Gond sabia que quando a Jângal se move em tais procissões, só o homem branco tem forças para detê-la.

Não foi preciso perguntarem-lhe a significação do seu gesto. A cabaça selvagem iria crescer no templo, como em tapera, e quanto antes dali se retirassem melhor.

Mas é difícil arrancar um camponês ao seu pago. Os da aldeia nela ficariam enquanto um resto de alimento restasse. Experimentaram viver de nozes silvestres da Jângal - mas olhos de fogo os espiavam, perpassando diante deles em pleno dia, e quando, cheios de susto, retornavam à aldeia, notavam que a casca das árvores, nas sendas por onde haviam passado, estavam lanhadas de poderosas garras. Quanto mais os homens se apegavam à aldeia, mais insolentes se faziam os filhos da Jângal reunidos naquelas margens do Waingunga. As casas próximas à floresta deixaram de ser reparadas e os porcos-do-mato as esburacaram com os focinhos, permitindo que atrevidos brotos de trepadeiras se imiscuissem pelas aberturas para logo se alastrarem no terreno

conquistado. Atrás delas vieram os capins de folhas pontudas como lanças dum exército de anõezinhos. Os homens solteiros escaparam-se dali muito antes dos outros, levando longe a notícia do pavoroso acontecimento. Quem pode lutar contra a Jângal? diziam êles, ou contra os gênios da Jângal, se até a cobra que morava no oco da figueira os havia abandonado? O pequeno comércio que a aldeia mantinha com as povoações próximas foi desaparecendo à medida que os caminhos se faziam intransitáveis. Por fim o trombetear noturno de Hathi e seus filhos cessou de persegui-los: nada mais havia ali que interessasse aos elefantes. As plantações crescidas e as que ainda tinham as sementes em germinação, estavam todas arrasadas. O aspecto dos campos não lembrava mais terra de cultura, e tempo chegou em que os camponeses se viram forçados a pedir socorro de esmolas aos ingleses de Khanhivara.

Mas, hindus que eram, foram protelando a mudança definitiva até que as primeiras chuvas do verão os viessem colhêr - inundando as casas esburacadas e transformando os campos em lameiros. E a vida furiosa da Jângal, alimentada gordamente pelo calor e umidade, avançou na sua conquista vingadora. Então os últimos da aldeia se puseram em marcha - homens, mulheres e crianças, dentro dos aguaceiros quentes da manhã. A espaços voltavam o rosto para os últimos adeuses aos lares perdidos.

Quando a derradeira família, carregada de seus tarecos, atravessou as portas da aldeia em ruína, um estrondo de vigamentos desmoronados, paredes e tetos que vinham ao chão, se fêz ouvir, com uma tromba a ímpar no meio dos escombros. Logo depois outro desmoronamento, êste seguido dum urro de dor. Hathi, que estava colhendo casas como quem colhe cogumelos numa podriqueira, fora espetado por uma lasca de viga. Aquilo desencadeou-lhe a força monstruosa que a cólera dá - e nenhuma força mais destruidora existe na Jângal do que a do elefante em cólera. Hathi deu com uma das patas traseiras em várias paredes, que aluíram, e sob a torrente d'água que caía logo se transformaram em lama vermelha. Depois girou sobre si mesmo, urrou e lançou-se pelas ruas estreitas, com ombradas à direita e à esquerda, arrasando casa por casa enquanto atrás seus filhos, contaminados pela fúria paterna lhe completavam a obra - tal qual no Saque dos Campos de Bhurtapore.

- A Jângal se encarregará de engolir êstes mundéus de barro e palha, murmurou calmamente uma voz. Mas os muros que cercam a aldeia têm que vir por terra já - e Mowgli, com a chuva a escorrer pelos ombros nus, saltou de sobre o muro onde estivera de cócoras, qual búfalo cansado.

- Tudo a seu tempo! gritou Hathi ofegante. Oh, mas minhas prêsas estão brancas, não ficaram rubras como em Bhurtapore! Às muralhas externas, meu filhos! Com a cabeça! Todos juntos! Vamos!

Os quatro elefantes trabalharam lado a lado, e os muros, batidos pelas quatro cabeçorras, vacilaram e vieram abaixo, afinal. Pelas brechas os camponeses em retirada viram as ferozes cabeças sujas de lama dos quatro elefantes. Então fugiram a correr pelo vale a fora, enquanto a aldeia, foçada, marrada, apisoada, lá se ia derretendo sob a chuva atrás dêles.

Um mês depois aquêle lugar não passava dum montão de ruínas coberto de macios e peludos brotos de ervas pujantes - e pelo fim das Chuvas a Jângal impava aos urros por sobre toda a área onde, seis meses antes, o arado calmamente feria a terra. . .

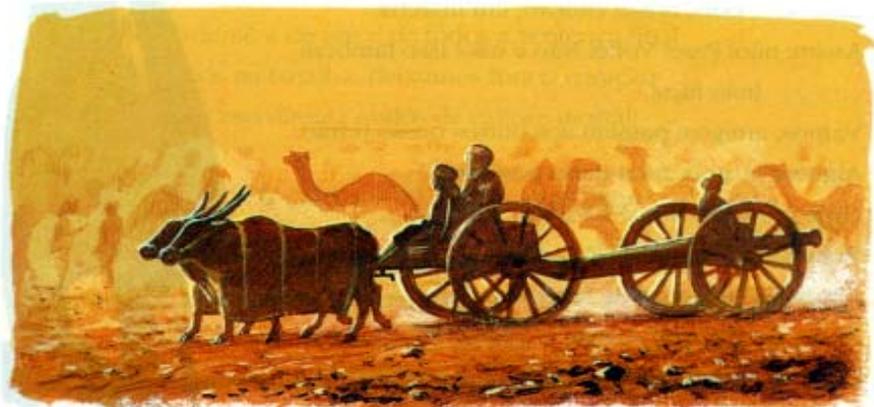
A canção de Mowgli contra os homens

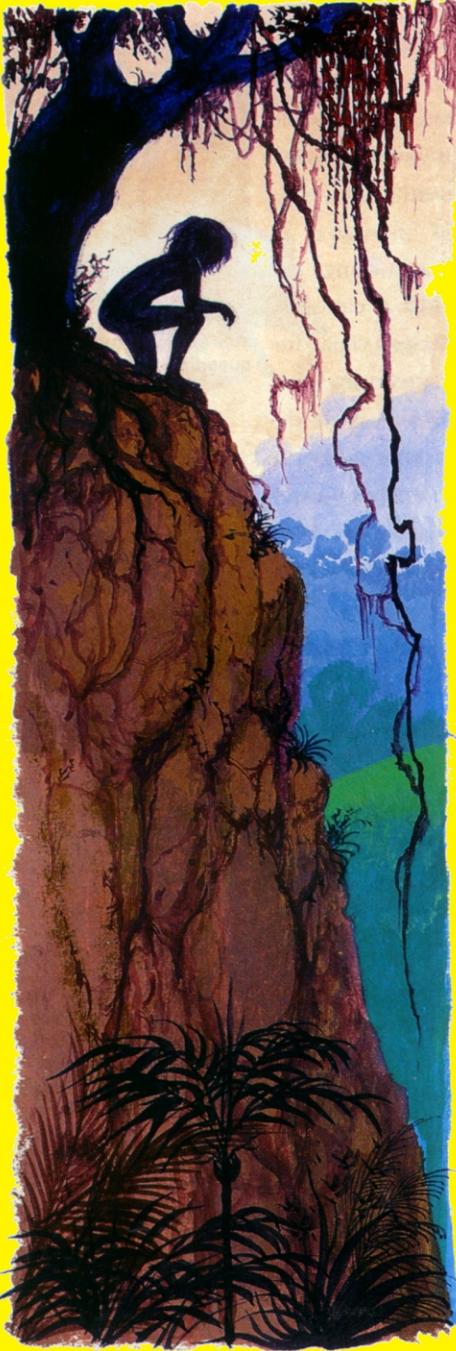
Soltarei contra vós as alígeras vinhas -
A Jângal mandarei assaltar vossas linhas.
 Cairão os telhados,
 Traves hão de cair da casa sobre vós
 E Karela, Karela, o atroz,
 Vos cobrirá todos!

Às portas destes vossos conselhos meu povo cantará,
Nos umbrais dos vossos celeiros o morcego se fixará.
 Vós tereie por guardiã mesmo a serpente,
 Nas vossas lareiras imundas.
 E crescerá por certo onde dormirdes
 Karela, Karela, o horrente.

Meus golpes não vereis. Ouvi-lo-eis hesitantes.
Virei antes que venha a lua e o seu fulgor...
 Será o Lôbo pastor
 Por umas pastagens distantes
 E Karela, Karela, o atroz,
 Germinará onde amastes.

Separarei vossos campos bem antes que vós
Pelas mãos de uma horda... Seguireis após
Os seus passos, colhendo todo o pão perdido.
 Poreis os gamos às vossas charruas.
 E Karela, Karela, o atroz,
 Crescerá onde houverdes construído.
 Eu soltei contra vós as nodosas vinhas.
A Jângal eu mandei assaltar vossas linhas.
 As árvores - estão sôbre vós -
 As traves cairão
 E Karela, Karela, o atroz,
 Vos cobrirá todos.





SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

- 1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern
- 2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes
- 3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo
- 4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!
- 5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos
- 6 - O Avanço da Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi
- 7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei